#Apemetaalks: As lições da Covid-19 para o setor dos resíduos

29 de Maio, 2020

Há ilações a tirar dos efeitos da Covid-19 no setor dos resíduos. Esta foi uma das conclusões do webinar “Perspetivas para o Setor dos Resíduos, um olhar sobre os efeitos da pandemia” da APEMETA (Associação Portuguesa de Empresas de Tecnologias Ambientais). O Plano Estratégico para os Resíduos Urbanos (PERSU 2030) serviu de mote para especialistas reiterarem a necessidade de não ser esquecido o princípio de autossuficiência do setor.

Para **Cátia Borges, diretora-geral da GESAMB** (Gestão Ambiental e de Resíduos, EIM), a definição estratégica do PERSU 2030 é fundamental para serem cumpridas as metas a que Portugal se propôs como, por exemplo, “diminuir a quantidade de aterros e aumentar a quantidade (de resíduos) que se valoriza” mas sem “ignorar que alguma capacidade de reserva tem que ser garantida”, isto é, a “possibilidade de eliminar resíduos, sejam eles valorizados ou não, tem que ser mantida”.

Relativamente às recolhas, é incontornável perceber que “temos que identificar os utilizadores do sistema”, refere a responsável, sublinhando que a Covid-19 trouxe essa “dificuldade em comunicar de forma eficaz”. E não faltam exemplos dessa dificuldade: as “mudanças operacionais”, que decorreram no tempo da pandemia, eram fundamentais serem explícitas, de forma a que “tivesse sido possível identificar de onde é que vinham os resíduos de pessoas que estiveram em quarentena”, refere a responsável, sublinhando que “pensar que deve ser feito de forma voluntária é ignorar o que tem acontecido. Tem que ser uma estratégia nacional”. O desafio é claro: “Melhorar sistemas e formas de gerir”.

“Os desafios atuais são diferentes dos de há 20 anos”

A visão de **Feliz Mil-Homens, assessor da direção da AVALER** (Associação de Entidades de Valorização Energética de Resíduos Sólidos Urbanos), é de que 2020 marca o “fim” de um ciclo que se iniciou em 1995 onde foi definido o modelo de organização do setor que, por sua vez, foi “muito eficaz para construir um setor que temos hoje”. No entanto, e do ponto de vista do “financiamento” ou da “organização do sistema”, há problemas que se “eternizam e não se resolvem”, acreditando que o mesmo pode ser “menos eficaz” perante “os novos desafios que o setor enfrenta” no horizonte 2030. “Os desafios atuais são diferentes dos de há 20 anos”, diz, sublinhando que a “descarbonização, economia circular ou eficiência” são questões do futuro. O setor dos resíduos está num “momento vital” e o PERSU 2030 vai “proporcionar uma reflexão aprofundada” sobre “aquilo que tem de ser alterado”, acredita o responsável.

Da pandemia, há lições que devem ser tidas em conta: “Além de ser um serviço público essencial”, o setor de gestão de resíduos é “estratégico” para qualquer país, algo que não tem sido “salvaguardado”, sublinha Feliz Mil-

Homens. A questão das fronteiras fechadas são a prova de que os países têm que “estrategicamente” ter capacidade própria e que o “princípio da autosuficiência tem que ser levado muito a sério”. Outra lição que deve ser tida em conta é a necessidade do sistema em ser resiliente: “Não chega falar do sistema como se fosse uma espécie de uma receita de bolo, onde 65% vão para reciclagem, 10% para aterro e 25% para valorização energética”. O sistema é bem mais complexo e “exige que se pense nele com complexidade”, criando a longo-prazo a “resiliência que ele tem que ter”, remata.